

Carvoaria ilegal no Paranoá

DF - Cidade

Manuela Borges

A Polícia Militar Florestal apreendeu ontem quatro fornos para produzir carvão de forma clandestina no Paranoá. O autônomo José Teixeira, 53 anos, pego em flagrante, foi autuado por crime ambiental. Ele já responde pela mesma infração e alega que utilizou restos de madeira para fabricar o carvão.

Como ontem foi feriado, Teixeira não chegou a ser levado para a Delegacia do Meio Ambiente. A perícia deve inspecionar hoje o local para avaliar os estragos ambientais e se a madeira utilizada por José vem de árvores do Cerrado. "Caso a perícia comprove que a madeira utilizada é do Cerrado, o crime ambiental é agravado, porque todas as árvores daqui são protegidas por lei", explica o cabo Inácio, da Polícia Militar Florestal.

Para fabricar o carvão de forma artesanal — o que é proibido e previsto nos crimes ambientais — os carvoeiros cavam buracos de aproximadamente dois metros de profundidade e seis de diâmetro. Dentro da escavação, coloca-se a madeira e o fogo. Para facilitar a queima, tampa-se o buraco com uma lâmina de zinco e, por cima, os carvoeiros costumam jogar areia para despistar. "A gente só consegue identificar esses fornos fazendo uma ronda aérea e mapeando a região com fotografias. De cima, o que se vê é apenas um filete de fumaça", diz o soldado Santana.

Segundo a Polícia Militar Florestal, toda sexta-feira a corporação faz a ronda de helicóptero para identificar focos de carvoaria. Só neste ano, mais de 80 fornos foram descobertos e fechados. A grande maioria deles foi encontrada na Vila Estrutural. "É muito difícil coibir

esse tipo de prática. As penas para quem comete este tipo de crime são muito brandas", acredita o soldado Peres.

■ Punição simbólica

Quem comete este crime ambiental está sujeito a uma pena de seis meses a um ano de prisão. Mas dificilmente a infração resulta em prisão, já que é considerada delito de pequeno potencial ofensivo. Os juízes, segundo a Polícia Florestal, costumam aplicar punições "simbólicas", como o pagamento de cestas básicas.

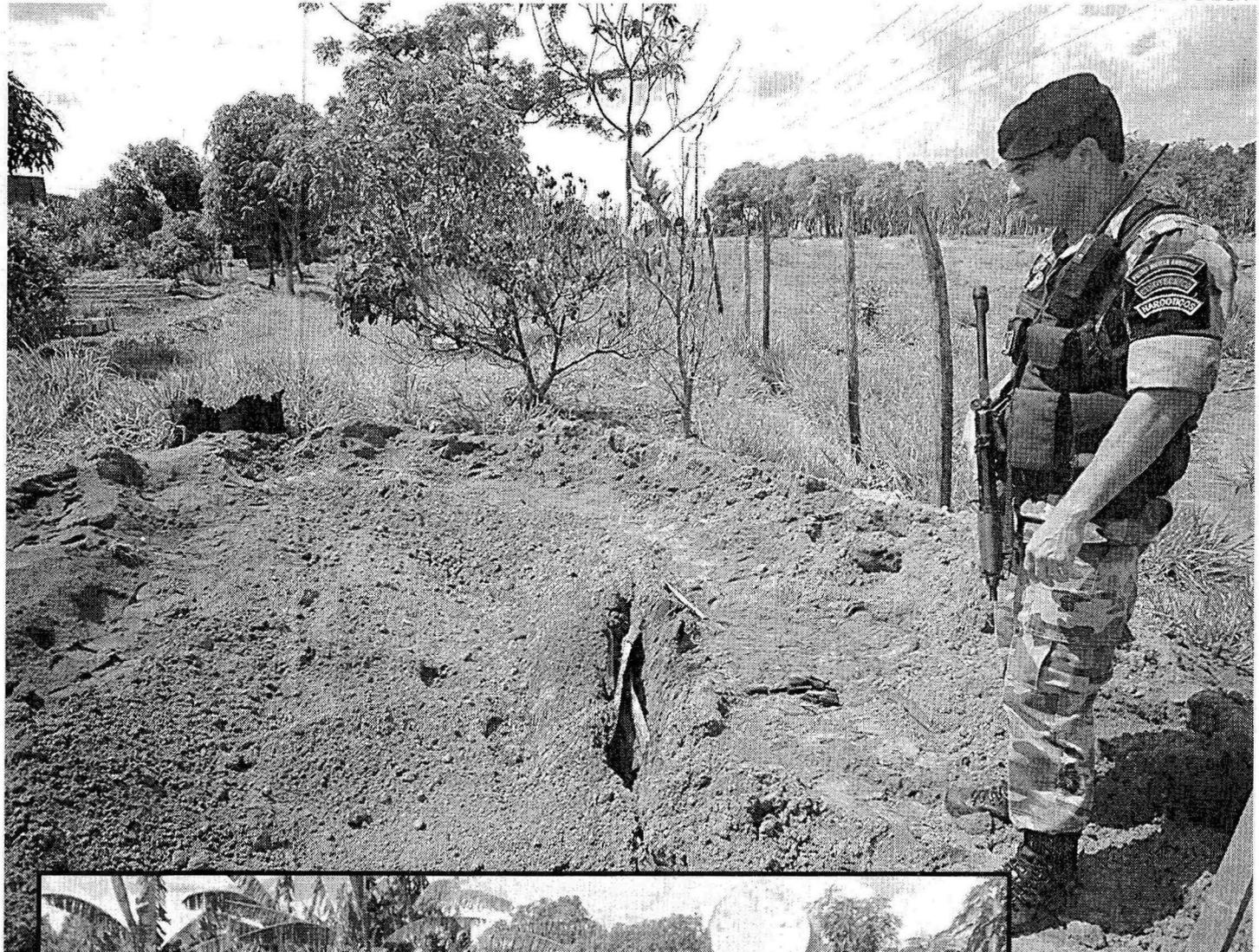
Os quatro fornos foram descobertos graças à denúncia do administrador do Paranoá, Sérgio Damasceno. O que mais impressionou os policiais florestais foi o fato de o carvão estar sendo produzido ao lado de uma horta comunitária e próximo ao Parque Vivencial da cidade. "É um absurdo a depredação que está sendo feita aqui, e logo ao lado de um reserva ambiental. Estes buracos, além de causar erosão, representam um enorme perigo para a sociedade. Uma criança pode cair aqui dentro e morrer queimada. A combustão pode chegar a 100° C", alerta o cabo Inácio.

A Polícia Florestal avalia que com todo o carvão encontrado no local daria para encher até 300 sacos, que seriam vendidos por R\$ 3 cada um. Seu José poderia ter lucrado mais de R\$ 900 com a queima da madeira.

No Distrito Federal, a produção de carvoarias é proibida por lei. A maior parte do carvão comercializado no DF vem de Goiás e Minas Gerais. A Polícia Florestal faz um apelo à população: só comprar carvão fabricado com madeira de reflorestamento e que tenha o selo do Ibama.

■ SERVIÇO

Para denunciar ligue: 3301-8140



■ NO PROCESSO ARTESANAL DE QUEIMA DA MADEIRA, OS CARVOEIRO CAVAM BURACOS DE 2 METROS DE PROFUNDIDADE PARA ALCANÇAR ALTAS TEMPERATURAS. PEGO EM FLAGRANTE, O AUTÔNOMO JOSÉ TEIXEIRA (AO LADO) ALEGOU QUE UTILIZAVA SOMENTE RESTOS DE MADEIRA, E NÃO ÁRVORES DO CERRADO

PEDRO LADEIRA